

O ESTUDO DO MEIO E O TRABALHO DE CAMPO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO

Bruno de Lima Alves

bruno.elflint.alves@gmail.com1

Andressa E. Lacerda

andressa.lacerda@gmail.com2

Juliana Loiola Rocha

julr_27@hotmail.com³

Fabio Tadeu Santana

professorfabiotadeu@gmail.com⁴

Resumo

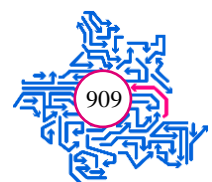
Trabalhar com ensino de geografia nos permite pensar desde as práticas pedagógicas exercidas em sala de aula até a dinâmica que envolve os territórios do espaço escolar. Repensar como a geografia escolar pode (re) existir às mudanças constantes que atingem a educação e a sociedade criando significado para quem participa foi um dos principais norteadores para o trabalho realizado com o Projeto PIBID "Trilhas e Caminhos do Saber Geográfico", que visa a aplicação das práticas de Estudos do Meio para o ensino de geografia em colégios públicos municipais localizados no Rio de Janeiro. O trabalho tem o intuito de ensinar os conceitos geográficos como Espaço Geográfico e Paisagem, bem como trazer a ciência geográfica para exemplos mais próximos do cotidiano discente, demonstrando dessa forma uma prática com um maior potencial didático. No início pensávamos que os trabalhos de campo seriam suficientes para dinamizar o processo ensino aprendizagem, posteriormente entendemos que o Estudo do Meio ampliaria todo esse processo. Neles a organização cronológica se dá na seguinte ordem: formalização de uma visita pré-campo com o intuito de reconhecer o terreno e estudar todos os pontos de interesse; criação de um material didático anexado à um questionário e um caderno de anotações; o trabalho de campo, atividades em sala sobre o que foi visto no campo e por fim a avaliação feita pelos estagiários em cima dos questionários. Até o presente momento, alguns trabalhos de campo foram realizados, tendo se mostrado de grande valia para o aprendizado dos conceitos geográficos por parte dos alunos, além do mais, o constante desafio de planejar e executar práticas pedagógicas de Geografia que sejam compatíveis com a necessidade e realidade do ensino básico gratuito na cidade do Rio de Janeiro tem

¹ Graduando do curso de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES CAP UERJ.

² Professora de geografia da rede municipal e estadual do Rio de Janeiro.

³ Graduanda do curso de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES CAP UERJ.

⁴ Professor Assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Coordenador de Geografia do Subprojeto Institucional do PIBID UERJ.

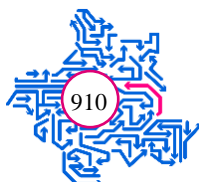


permitido compreender a importância de atividades de pesquisa e iniciação à docência no espaço escolar. Possibilitando os estagiários PIBID pudessem não apenas aprofundar suas percepções sobre a escola e seus problemas, mas também buscassem soluções para a escola conveniada, além de vivenciar uma experiência única como futuro docente em geografia, levando em conta que a proposta pedagógica do Estudo do meio nas aulas de Geografia pode ser um importante aliado para o educador contribuindo para a construção do olhar geográfico em seus alunos.

Palavras-chave: ensino, geografia, paisagem.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo relatar a experiência desenvolvida durante o Projeto PIBID "Trilhas e Caminhos do Saber Geográfico", através do Estudo do Meio em duas instituições de ensino básico da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro. A ideia principal foi possibilitar aos alunos o entendimento dos conceitos trabalhados pela Geografia no ensino básico, através do Estudo do Meio. O processo de formação natural e histórico-cultural e organizacional da cidade do Rio de Janeiro norteou o trabalho, que adotou uma metodologia subdividida em três momentos. No primeiro momento foi necessário a elaboração de um planejamento que se coadunasse com as especificidades do público alvo, em seguida, o desenvolvimento do campo com a participação dos discentes, estagiários, supervisor e coordenador, por último, o grupo envolvido executou a análise dos dados levantados no trabalho de campo e avaliou estudo empírico realizado. Os trabalhos realizados ao longo do período letivo foram de grande valia, porque contribuiu com a consolidação e letramento dos conceitos geográficos entre os discentes envolvidos de fato, o constante desafio de planejar e executar práticas pedagógicas de Geografia que sejam compatíveis as necessidade e realidade do ensino público permitiram compreender a importância de estratégias de ensino, práticas pedagógicas e concepções de currículo. A relevância do projeto e a interação entre universidade-escola possibilitou aos estagiários PIBID GEOGRAFIA UERJ/Instituto Fernando Rodrigues da Silveira CAP-UERJ novas ambiências e percepções sobre a escola e seus problemas. Além de vivenciar experiências únicas como futuros docentes, os estagiários tiveram a oportunidade de desenvolver práticas docentes importantes para sua formação como professor de Geografia.



A prática pedagógica baseada na autonomia e no repensar o currículo.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES desenvolvido pelo Instituto Fernando Rodrigues da Silveira CAP-UERJ vinculado a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ possibilitou aos envolvidos o chamado "pensar a escola e as práticas pedagógicas" na medida que oportunizou a interação não dicotômica entre teoria e prática, possibilitando não apenas a pesquisa, mas o envolvimento dos discentes das escolas conveniadas, estagiários de graduação e profissionais de ensino da rede pública de educação, por meio de atividades que promoveram o interesse no saber geográfico. Os primeiros caminhos percorridos foram atividades de execução de trilhas no entorno das escolas do projeto. Como a cidade do Rio de Janeiro é um grande anfiteatro de paisagens naturais e humanizadas, o caminho foi seguir essa relação entre as áreas de proteção ambiental e a cidade. Os resultados foram tão positivos que posteriormente a execução dos primeiros trabalhos de campo, o mesmo foi expandido para outra escola conveniada ao projeto.

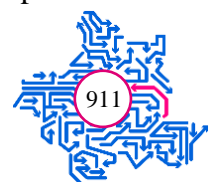
Metodologicamente as estratégias foram construídas e consolidadas com o contínuo fazer pedagógico. Percebeu-se que após essas primeiras experiências empíricas, as práticas pedagógicas passaram a ser estruturadas em três fases:

- *Planejamento*: elaboração dos objetivos, coleta dos dados (mapas, fotos, dados estatísticos), realização do pré-trabalho de campo e montagem de um caderno de atividades com os estudos e conteúdos geográficos.

- *A prática do trabalho de campo*: Execução da tarefa de campo no espaço geográfico, observação e levantamento dos dados empíricos aferidos pelos estudantes do ensino básico e orientação dos estagiários.

- *Análise/avaliação e pós campo*: construção coletiva dos conteúdos levantados no espaço empírico, construção de materiais didáticos, tais como maquetes, mapas e ficha com textos e exercícios. Por último, os responsáveis pela atividade, discutem a proposta, empenho e organização dos conteúdos abordados no trabalho de campo.

Dessa forma, percebemos que a realização das atividades mencionadas se aproximam, de fato, do que entendemos como Estudo do Meio e, vemos que o trabalho de campo é parte integrante da prática pedagógica desenvolvida pelo grupo. É importante mencionar o porquê dessa diferenciação. Segundo Lopes e Pontuschka, “o Estudo do Meio pode ser compreendido



como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para os alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar”(LOPES e PONTUSCHKA,2009,p.73). Uma possibilidade primordial de se construir um currículo, ampliar as fronteiras da geografia e (re)significar os conteúdos. O Estudo do Meio, encaixa-se na prática pedagógica utilizada desde experiências libertárias como da Escola Moderna por Ferrer e Guardia(1859-1909), Freinet (1896-1966) e nos pensamentos de E. Reclus(1830-1905).

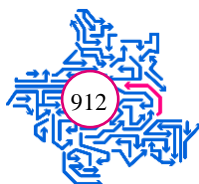
Mesmo sem ter a intencionalidade de transformar ou revolucionar a prática pedagógica, o Estudo do Meio, pode influenciar o pensar e prática cotidiana das instituições de ensino, possibilitando inclusive uma discussão salutar de um novo currículo. Lopes e Pontuschka afirmam que:

as atividades tem contribuído para o fortalecimento da autonomia da instituição escolar e dos professores porque é uma alternativa às políticas propostas e vindas das secretarias de educação e materiais didáticos prontos, podendo fortalecer a dimensão pública de educação. (LOPES E PONTUSCHAKA, 2009, p.78).

A discussão de diferentes temas e o engajamento da comunidade escolar não diminui a importância dos trabalhos de campo no fazer pedagógico cotidiano, promovendo assim, o conhecimento e “as diversas possibilidades de recortar, analisar e conceituar o espaço de acordo com as metas e objetivos pretendidos por seus pesquisadores” (SERPA, 2006, p. 07). Logo, no Estudo do Meio levamos em consideração às questões que surgiram através do trabalho empírico para possível construção de um novo currículo, através de uma relação mais horizontal do processo de ensino aprendizagem.

Por esse motivo, os envolvidos no projeto escolheram o Parque Estadual do Grajaú, área de proteção ambiental próxima à escola. A área mencionada oferece conteúdos geográficos diversos, tais como: a paisagem climatobotânica, as ações antrópicas e suas implicações sobre a área de proteção ambiental. Muitos alunos frequentam ou já frequentaram esse parque, mas sem a problematização feita pelo ensino de geografia. O Parque Estadual Grajaú ofereceu que não só abordássemos os aspectos socioambientais, mas também a inserção desse espaço no debate sobre “escala geográfica e orientação cartográfica”.

Após o trabalho empírico, o supervisor e os estagiários promoveram a orientação dos discentes para explicar o que é uma prática de campo, salientando que o mesmo não se



encaixa na terminologia passeio acadêmico e sim, em uma metodologia que visa conciliar a teoria e a prática sobre os conteúdos abordados no referido ano e segmento escolar. A experiência contou com a elaboração de uma estratégia motivadora, isto é, uma “caça ao tesouro”, para que alunos encontrassem peças espalhadas dentro do parque para montagem de um quebra-cabeça através das informações geográficas disponibilizadas. Os alunos foram divididos em quatro equipes, identificadas por pulseiras de cores distintas e acompanhados por dois estagiários que auxiliaram a "caçada" por meio das coordenadas recebidas por cada grupo no início da atividade. Os bolsistas apenas auxiliavam os alunos no ato de manusear as bússolas para identificar no croqui do parque. O roteiro de campo, as coordenadas e os sistemas de informações necessários para montar o quebra-cabeça proposto no estudo.

Além disso, ao chegar ao parque os alunos puderam reconhecer alguns tipos de espécies florestais, principalmente as de Mata Atlântica; e os tipos de rochas e formas de relevo existentes no parque.

Sendo assim, o trabalho de campo contribuiu para: o entendimento sobre a paisagem do parque no entorno da escola e a compreensão de assuntos que são abordados de forma teórica em sala. Evidenciando a necessidade da Geografia sair dos muros da escola para que seu conhecimento seja apreendido de forma significativa.

Outro recurso primordial para o registro das informações durante atividade foi o caderno de campo que permite a retomada de questões apontadas no decorrer do campo e que estimula a reflexão, percepção e também a organização das ideias. Essa etapa foi feita após o término da caça ao tesouro, levada para a sala de aula para se manter um diálogo sobre os pontos trabalhados na atividade. O caderno de campo possibilitou uma mediação, através do professor sobre o que foi visto em campo, e confrontar e expandir aquilo que apreenderam.

O processo de ensino-aprendizagem supõe um determinado conteúdo. Porém, acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo. (CALLAI, 2000, p.94).

Assim, os temas abordados na prática de campo foram trabalhados de forma mais próxima com a realidade dos alunos (teoria e prática), propiciando um momento diferenciado em contato com a natureza e construindo uma visão holística, contribuindo para instigá-los a olhar de maneira mais crítica para a realidade que os cerca. Seguem as fotos sobre a atividade.

5º Encontro Regional de
Ensino de Geografia

As políticas curriculares e o Ensino de Geografia
Campinas, 20 a 22 de outubro de 2016



Foto 1: Trabalho Pré campo - Reserva do Grajaú



Foto 2: Trabalho de Campo



Foto 3: Cadernos de Campo

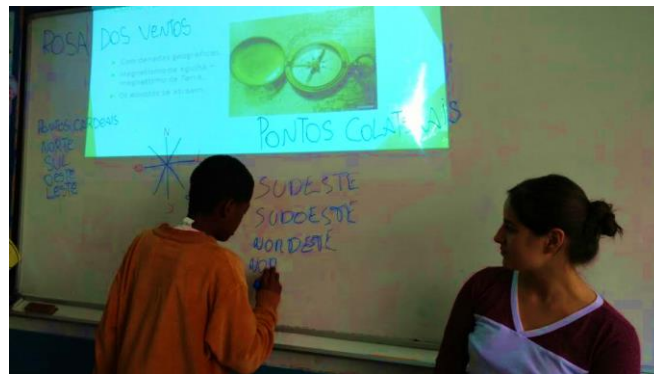


Foto 4: Atividade em sala. Pós - campo

Entendendo a importância do trabalho de campo no Estudo do Meio

A complexidade do cabedal conceitual da ciência geográfica quando não trabalhada de maneira dialógica com os estudantes, torna-se apenas em conteúdo a serem cobrados em avaliações que reforçam a hierarquização dentro do espaço de ensino-aprendizagem. Esse espaço vivido grafado pelo discente de maneira inconsciente é subalternizado dentro da sala de aula devido à descontinuidade que o estudo do meio sofreu pela falta de divulgação de materiais e pesquisas que auxiliassem a retomada dessa metodologia de ensino aos docentes. Portanto, coube a nós bolsistas e supervisores do projeto retomar esse debate dentro das reuniões refletirem sobre a construção de caminhos que pavimentassem esse reencontro do trabalho de campo no estudo do meio com a escola parceira do projeto.

A tarefa foi resgatar uma pluralidade bibliográfica que sustentasse o trabalho, para que não caíssemos em armadilhas que levassem a caminhos que afastam o aluno de sujeito na produção do conhecimento. O momento posterior foi alinhar o que havia sendo trabalhado com o docente responsável pela turma e estabelecer os pontos em que a turma permitisse a participação dos bolsistas de forma ativa. Portanto, foi necessário repensar em uma medida que pudesse(re)significar aqueles saberes trabalhados no espaço formal de ensino. Através da utilização do Estudo do Meio como recurso metodológico podemos reaproximar aquilo que havia se perdido dentro do ensino de geografia após a entrada com paradigma teórico-quantitativo na geografia. A utilização de modelos matemáticos e instrumentos técnicos aboliram a ida a campo dos geógrafos refletindo dentro da formação de várias gerações de professores que atuam na rede pública de ensino. Essa escolha de ler e interpretar o espaço criou um afastamento na relação entre sociedade-natureza, e gerando uma falta de

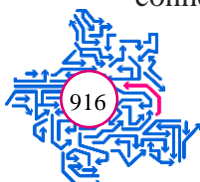
sensibilidade dos geógrafos as distorções geradas pelos fenômenos na superfície terrestre. A homogeneização dos lugares provenientes o tratamento das informações levantadas por esses estudos calcados por essa corrente teórica da geografia nos anos subsequentes produziu um descompasso na prática da sala em sala de aula

O trabalho de campo não é uma prática pedagógica nova no universo educacional brasileiro. Sendo inspirada, de uma “tradição escolar”, por educadores como Francisco Ferrer y Guardia (1859 -1909) e Célestin Freinet (1896 -1966), que tem por objetivo conduzir aos discentes uma aprendizagem “ mais perto da vida”, ou seja contato mais próximo com a realidade estudada, seja ela, natural ou social. Como ressalta Goetttems:

A metodologia de ensino que atualmente é denominada, ainda que muitas vezes de forma indiscriminada, de “Estudos do Meio”, é o resultado do trabalho de inúmeros educadores que, ao longo de várias décadas, se dedicaram a construir práticas de ensino que possibilitassem uma melhor compreensão do mundo e a superação dos desafios sócio-educacionais que se lhes apresentavam à época. (GOETTEMS, 2006, p.52).

A Geografia utiliza os trabalhos de campo como parte fundamental do método de trabalho dos geógrafos. Ou seja, a sistematização da Geografia à medida que um conjunto de pesquisas e relatórios de campo realizados anteriormente por viajantes, naturalistas e outros, que foram essenciais para a construção das bases para o desenvolvimento da Geografia. Para ABREU (1994), o trabalho de campo para a formação dos jovens geógrafos é de grande importância dada à possibilidade de convivência e aprendizado com os grandes mestres da Geografia de então. Mesmo assim, o mesmo ressalta o caráter empirista da concepção geográfica que norteava os estudos: “... ao estudar, a cada assembleia, uma região distinta, os geógrafos contribuíram, por acumulação de conhecimento de cada parte, para o conhecimento do todo, isto é, da superfície da terra” que era o somatório de todas elas”. (ABREU, 1994, p. 33)

Toda essa riqueza de conhecimento levantada nos encontros foram derrubadas a partir dos anos 1970, quando na esteira da hegemonia da Geografia Teorético-Quantitativa os trabalhos de campo foram execrados e praticamente riscados das práticas dos geógrafos, sob o argumento de que as tecnologias da informação e os fundamentos matemáticos seriam instrumentos mais preparados para a investigação da realidade. Essa escolha de investigar apenas uma parte realidade por esse modelo gera uma distorção sobre o resultado, pois os conhecimentos construídos e dados levantados partem de um ponto exclusivamente de fala do



pesquisador que deixa de ir a campo devido ao seu rigor teórico-metodológico. E como o espaço é construção continua essa abordagem não tem uma totalidade em si. E tornando-o em uma investigação da realidade em fragmentos de informações coletadas pelo seu modelo que precisam ser conferidas frequentemente. Esse ímpeto de investigar a realidade por essa abordagem produziu uma narrativa excludente e o afastamento da riqueza de experiências e saberes que o estudo do meio permitia aos geógrafos.

O uso excessivo da teórica-quantitativa introjetada dentro dos currículos de geografia jogou para escanteio com todos aqueles saberes produzidos pela geografia tradicional que realizava uma descrição categórica da natureza. A Geografia Tradicional afirmava que somente a ida a campo bastava para explicar os fenômenos era suficiente até meados do século XX. Essa linha de pensamento da escola francesa se fez muito presente dentro da criação dos primeiros cursos universitários de geografia.

Neste trabalho não iremos remontar esses debates epistemológicos já muito bem explorados em outros textos com rigor necessário. O enfoque central desse texto é reafirmar que o uso do trabalho campo sem o uso adequado de um método e teoria torna-se carregado e rompe com qualquer tipo de avanço na metodologia de ensino:

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos.(ALENTEJANO e ROCHA-LEÃO, 2006, p.57).

A atividade de campo no Ensino de Geografia é um recurso que rompe com o chamado “ensino tradicional” e essa mudança, por sua vez, na maneira de aprendizagem, mostra significativa ao aluno. A verificação de determinados processos e fenômenos que acontecem no dia-a-dia do aluno realiza um corte com uma leitura abstrata dos conteúdos. O trabalho de campo inserido de forma conjunta com a prática de ensino, rompe com o enciclopedismo e afirma-se como primordial para a relação direta para como aprendizado do educando, servindo para formação da prática do olhar geográfico. Para Callai (2000) essa ação de ensinar geografia reconhece a existência do espaço geográfico, homem e a natureza.

A realização dessa ação foi pensada dessa forma para que evitasse a dicotomia entre Geografia Humana e Física que acabara perdendo a riqueza analítica de ler o espaço por meio do olhar geográfico. E fazendo com que o aluno obtivesse poucas lentes para analisar e desenvolver uma leitura crítica do espaço e contrapondo de forma indireta ao currículo e aos

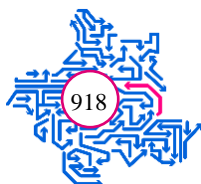
materiais escolares que buscam fragmentar o conhecimento que busca explicar o todo pela junção das partes.

O trabalho de campo permite recortar, analisar e conceituar o espaço, e fazendo uma análise dos fatores naturais e humanos. A teoria e os conceitos não devem ser separados do trabalho de campo, pois ambos garantem de maneira concomitante a leitura dos fenômenos geográficos que se apresentam no espaço. Portanto, é necessário atingir uma abordagem alternativa no ensino de geografia na escola, que tenha o objetivo e aproximação dos conteúdos geográficos com parte da realidade do discente, para que se desmonte a falácia de uma disciplina sem utilidade e concretude no cotidiano do aluno. Para que dessa forma possa despertar o desejo e apreensão do conhecimento pelo aluno para realizar a transformação do seu cotidiano.

As barreiras enfrentadas para o exercício da prática docente no ensino de geografia são muitas e se torna um desafio superá-las. A realização de um projeto como este em ambientes onde o professor está sucessivamente submetido às secretarias e seus currículos oficiais, ou não possui apoio institucional torna a proposta muito distante da realidade. Ocasionalmente uma visão errônea a qualquer metodologia que seja diferente da sua mecanização habitual a qual adaptou-se, gerando determinados discursos muitas vezes que culpabiliza o outro no caso, seus alunos e esquecendo do seu papel como docente dentro da sala de aula. A repulsa e a desconfiança em relação a qualquer metodologia que saia da sua zona de conforto faz com que os alunos sejam os principais prejudicados, pois o meio é vida. E os alunos sem a capacidade analítica desenvolvida perde a possibilidade de estudar o meio a qual está inserido. E infelizmente acabam reproduzindo uma série de discursos que desqualificam a riqueza da ciência geográfica.

O professor acaba não repensando seu papel de pesquisador constante e com a riqueza e autonomia que possui tem para confrontar a rigidez do currículo que norteia a sua prática. Na função de “mediadores entre os alunos e os conhecimentos científicos, os docentes fazem adaptações na organização e na estrutura dos conhecimentos e até mesmo nos conteúdos de ensino” (THERRIEN; MAMEDE; LOIOLA, 2004, p. 45).

Dessa forma, a utilização dessa metodologia ganha status de inovação dependendo do contexto em que vai ser trabalhada. O professor deve realizar um diagnóstico visando traçar o



perfil dos discentes e suas necessidades, haja vista que isso é um fator decisivo para a motivação da aprendizagem.

Breve conclusão

Embora a prática proposta já ter sido realizada por algumas vezes, ainda estamos apurando a base conceitual e todos os temas que perpassam o trabalho. Observa-se que o projeto transforma paulatinamente a visão dos alunos da rede municipal no que diz respeito à geografia, pois após o contato do aluno com o meio que ele estuda, o conteúdo trazido pelos livros didáticos e pelos professores ganham outro sentido. Além disso, a utilização de recursos simples como o Google Earth e aplicativos de cartografia no celular, possibilitou uma visualização tridimensional do mundo e uma progressão gradual das escalas vistas em sala e no campo.

Cabe ressaltar que as transformações em sala não se esgotaram no uso do material didático, mas também no interesse pela matéria e na relação professor-aluno. Dentre os relatos feitos pelos bolsistas observou-se como foi satisfatório todo o processo de construção do Estudo do Meio após a avaliação feita por eles. A ansiedade dos alunos em realizar um próximo Estudo do Meio demonstrou como foi estimulante para a turma se apropriar de diferentes formas do saber geográfico. Apontando como é importante a participação e a construção dos processos de ensino-aprendizagem. Desde que esse seja estabelecido de forma autônoma.

Vale lembrar que a estrutura burocrática e administrativa da escola com grades de horários muito fechados, reuniões, confecção de provas, semana de avaliações, muitas das vezes impedem a possibilidade de organização de trabalhos interdisciplinares, transdisciplinares ou mesmo de uma saída de campo. Principalmente porque tal atividade envolve a liberação de turmas que possui diferentes envolvimento com os outros professores. Um professor da rede pública não possui em alguns momentos o suporte básico para a realização de uma aula. E as adversidades que atingem o ensino público devido os problemas sociais da cidade do Rio de Janeiro torna o magistério um verdadeiro desafio. Sendo assim, entendemos que tal atividade seria muito prejudicada caso não tivesse a participação dos bolsistas do PIBID. Pois o mesmo é fundamental não só para os professores para repensarem suas práticas e a geografia escolar, mas também para os bolsistas na composição da identidade de futuros professores, e para os alunos da rede municipal que tem a oportunidade de participar, aprender e construir o projeto PIBID Geografia.



Dessa maneira, o projeto teve um grande valor para salientar a importância da relação ao início à docência, a relação ensino aprendizagem construída pelos seus participantes e o currículo no ensino de geografia.

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação - contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**. V. 56 (1/4). Jan/dez-1994.

ALENTEJANO, Paulo R. R. e ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado. In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p.51-57. 2006. Disponível em:< <http://www.geografia.fflch.usp.br>>. Acesso em: 14 de julho de 2016.

CALLAI, H.C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIONANNI, Antônio Carlos (org.). **Ensino de geografia práticas e textualizações no cotidiano**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

GOETTEMS, A. A. **Problemas ambientais urbanos: desafios e possibilidades para a escola pública**. 2006. 221 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LOPES, C.S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Revista do Programa de pós Graduação em Geografia. UEL**. Londrina vol. 18 n2. p.73-90, jul./dez.2009. Disponível em.< www.uel.br/revistas/uel/index> Acesso em: 15 de Julho de 2016.

SERPA, Ângelo. O Trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico- Metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p. 93-104. 2006. Disponível em:< <http://www.geografia.fflch.usp.br>>. Acesso em: 13 de julho de 2016.

THERRIEN, J.; MAMEDE, M. A.; LOIOLA, F. A. **Gestão moral da matéria e autonomia no trabalho docente**. In: ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O.; JUNQUEIRA, S. R. (Orgs.). Conhecimento local e conhecimento universal: a aula e os campos do conhecimento. Curitiba: Champagnat, 2004, v. 3, p. 43-56.

